

sultemos sobre questões sérias, sempre, porém, procedendo com a maior cordura e humildade, e sem esquecer que a consulta deve ter um fim moral.

Não pretendamos, jámais, descobrir por meio dos Espíritos os segredos do futuro, nem meios de abreviar nossos trabalhos mentais, nem se devemos ou não praticar o que nos presereve a consciência; porque, em tais casos, os Espíritos que vivem na luz calar-se-ão, e virão a confundir-nos os que vivem de enganar e seduzir.

X

Continuação do mesmo tema. Contradições em que incorre a igreja católica.

Convém desvanecer uma preocupação muito vulgarizada entre os que condenam ou ridicularisam o Espiritismo, sem conhecerem suas práticas, nem terem tomado o incômodo de estudar suas doutrinas.

Supõem, de boa ou má fé, que os médiuns se atribuem o poder de obrigar os Espíritos — de perturbar a paz dos sepulcros, arrancando deles, por meio de encantamentos ou palavras cabalísticas, as almas dos defuntos; de violar os segredos que oculta o silêncio da morte; de descobrir, pelos Espíritos, os arcanos do porvir, em uma palavra, de ordenar a seu talante as manifestações de além-túmulo, nem mais nem menos como se exercessem domínio absoluto sobre o mundo espiritual.

Se assim fôsse, o Espiritismo seria realmente o maior dos sacrilégios e a mais orgulhosa das profanações, e mereceria o desprezo e o anátema de quantos crêem na existência de Deus e na imortalidade da alma.

Por fortuna, semelhante suposição é caluniosa e balda de todo o fundamento.

Nenhum espírita tem a insensatez de atribuir-se autoridade de qualquer ordem sobre as almas e tudo es-

pera da bondade dos seus próprios atos e da permissão divina (1).

Nenhum pretende dominar a vontade dos que foram; antes, pelo contrário, busca em seus venerandos conselhos o melhoramento próprio e a vitória da virtude.

Sabe que é filho de Deus e pede confiante a seu Pai, que é o Pai de toda a humanidade, luz para conhecê-lo e sentimento para amá-lo.

É tão doce o nome de pai!... Ao pronunciarem-no os lábios, abre-se o coração a todas as esperanças; porque o bom pai dá a vida pela saúde de seus filhos — e nossa saúde está nas mãos do Pai que está nos céus.

A evocação espírita não é um esconjuro supersticioso ou maléfico; é uma oração humilde e respeitosa, que se eleva ao Sér Supremo, afim de que se digne inspirar-nos e fortalecer-nos na prática do bem, com o conselho dos Espíritos que, durante a vida terrena, conquistaram, por suas virtudes, o prêmio dos justos e a admiração dos homens.

É o terno suspiro do filho que invoca a proteção do Pai, é a fraqueza da criatura que se acolhe ao amparo do Creador, é o gemido dorido do enfermo que procura a saúde, é o acento da alma que deseja agradar a Deus e conhecer sua vontade, para respeitá-la e cumprí-la.

Não são cristãos estes propósitos e estas práticas? Diferem, porventura, das práticas e propósitos que derivam da moral evangélica?

São as evocações mais do que preces dirigidas a Deus, pela intercessão dos nossos protetores, os santos,

(1) Não basta dizer-se espírita, é preciso conhecer as doutrinas e práticas. Não faltam espíritas de nome, que entendem tanto do Espiritismo, como a maior parte dos católicos romanos entendem do Catolicismo romano.

tão eficazmente recomendadas pela igreja católica romana?

Se nossas súplicas chegam até os sérés ditosos que vivem nas esferas da felicidade imortal, com igual razão chegarão a nós suas santas inspirações.

Assim o aceita a igreja romana — e pede frequentemente, para os homens, as inspirações superiores.

Cada santo goza, em seu conceito, de uma prerrogativa especial — e nós devemos invocar êste ou aquele, segundo a natureza de nossas necessidades.

Assim, pois, podem ou não ser ouvidas as nossas preces? Podem ou não os santos exercer em nós suas proveitosas influências?

Claro está que sim; pois, de outra sorte, as orações aos santos seriam coisas inúteis e estéreis.

E, se podem, como Roma o assevera, o que é isto senão a comunicação entre os Espíritos e os incarnados de que fala o Espiritismo?

Se S. João, por exemplo, pôde inspirar-nos sentimentos de ternura e S. Paulo sentimentos de caridade, se Santa Luzia intervém na cura das enfermidades dos olhos, S. Roque na cura dos empestados, S. Romão nos desvairamentos, etc., etc., porque negar-lhes o poder de fazer sensível sua intervenção?

Em vida curavam as enfermidades da alma e do corpo, pela virtude de seus piedosos rogos; não podem, depois de glorificados, pôr em movimento uma pena?

Cada nação, cada comarca, cada povo, venera em seus altares, de preferência, um determinado santo, que considera patrono e protetor e a êle recorre em suas necessidades e aflições; se ameaça uma tempestade, se se dá algum tremor de terra, se a colheita corre perigo de perder-se, por falta de chuva, se alguma terrível enfermidade se desenvolve, o povo eleva fervorosos rogos ao seu santo tutelar e, por sua intervenção, a tem-

pestade se amaina, o terremoto passa, a chuva rega os campos e as enfermidades cessam.

O clero católico, não só permite, mas também, facilmente, fomenta estas crenças.

Mas, se um Espírito bemaventurado pôde encadear os ventos, dissipar as nuvens e diminuir os horrores da peste ou de outra qualquer praga, porque negar-lhe a faculdade de dirigir o movimento de uma mão, para transmitir piedosas admoestações?

Para recorrer ao extremo de atribuir ao diabo as manifestações espirituais sensíveis, que condenam certos abusos?

Não há povo, nem família, que não conserve, em sua tradição ou em sua história, a recordação de alguma dessas manifestações que se transmitem piedosamente de pais a filhos e de geração em geração, tradições que o clero católico tem recolhido e respeitado, sem pensar em combater-lhes a origem como prejudicial e diabólica.

Aqui, é um Espírito bemaventurado que aparece envolto em um círculo de luz — ali, um rumor de cadeiras que quebra o silêncio da noite — além, uma mão que escreve com caracteres de fogo — noutro ponto, uma voz sepulcral, que pede missas para sair do purgatório. Espíritos celestiais, demônios, condenados, almas penadas; de tudo há nas tradições vinculadas ao catolicismo e recolhidas em pequenos ou grandes volumes, para instrução e melhoramento dos fiéis.

E, sem embargo, como acabamos de manifestar e todo o mundo sabe, jámai o clero romano impugnou por absurdas ou irreligiosas semelhantes tradições; aceitava a possibilidade dos fatos, como de permissão divina, ouvia relatá-los com piedosa unção — e com piedosa unção celebrava as missas e ajuntava os proveitos que provinham das crenças da aparição das almas.

Se era possível haver comunicação entre os Espíritos e os homens, sem a intervenção do diabo, porque não o ser hoje? E, se não é possível, porque, o clero não lançou o anátema contra as comunicações, quando nelas se exigiam a celebração de missas e legados á igreja?

Duas grandes verdades resultam do inconsequente procedimento da classe clerical: a primeira, a comunicação recíproca dos Espíritos com os homens cabe dentro dos princípios verdadeiramente cristãos, pois que recebeu em dias não remotos o assentimento da igreja; segunda, o clero sacrifica a suas conveniências pessoais a verdade dos princípios, para dizer que o Espiritismo se propõe a destruir a religião cristã; sendo que, o que ele procura, é afirmá-lo, ainda que para consegui-lo seja forçoso arrancar a máscara aos que, sob a capa de religiosa piedade, exploram a ignorância dos fieis.

XI

Importância moral da comunicação. Objeção contraproductiva. Considerações.

Pelas considerações que precedem, podem os nossos leitores julgar da importância moral do fato da comunicação espírita; e, talvez, modificar a opinião formada ligeiramente, sem um exame imparcial e maduro do fenômeno.

Nada de fantasmagorias, nada de práticas misteriosas, nada de conciliábulos na sombra, nada de profanações insensatas ou de esconjuros e palavras cabalísticas, nada de mortos que se levantam das sepulturas para responderem ao chamado imperioso de um fraco mortal, que obedece á maléfica influência do maligno Espírito.

Preces piedosamente elevadas a Deus, na humildade dos nossos corações, como filhos e servos seus que

somos, como fracas criaturas que pedem ao Senhor a força que lhes falta, misericórdia divina, que envia um raio da sua luz aos que buscam em humildade e no desejo do bem, graças ao Altíssimo, pelas inspirações e favores alcançados da sua bondade onipotente: eis o princípio e o fim da comunicação espírita, eis as timbrosas práticas dos que, desenganados, buscam, em Deus, a verdade religiosa, que não têm podido encontrar na palavra dos homens.

Antes de condenar tais práticas, é preciso negar a eficácia das orações, o poder consolador e benéfico dos bemaventurados e a verdade das promessas evangélicas.

“O demônio do orgulho fala por vossa boca — dizem os sacerdotes romanos — sois umas miseráveis criaturas, e atrevei-vos a presumir que podeis pôr-vos em relação com os santos”.

Não duvidamos confessar que somos fracos, que padecemos enfermidades da alma, que sentimos em nós o peso da concupiscência e de mil e mil misérias da nossa natureza; mas, por isto mesmo que estamos enfermos, deixai que peçamos a Deus, que é o melhor médico, o remédio para as nossas enfermidades; por isto mesmo que somos fracos, não nos arranqueis a consolação de chamar em nosso auxílio a proteção superior.

Isto não é orgulho, é humildade — é fé — é esperança — é adoração — é amor.

Se Deus ouve, propício, as nossas preces, sem que o mereçamos, bendito seja Deus, que nos envolve em sua misericórdia infinita!

Vós, porém, que nos increpais e condenais, haveis de permitir que, por nosso turno, vos perguntemos: são vossos costumes tão puros e imaculados, vossos desejos tão santos, vossos propósitos tão nobres, vossa caridade tão exemplar, que mereçais comunicar-vos diretamente, não só com as criaturas celestiais, mas também com o